



Artur Murimo Mafumo, *ñanga* da Matola com os seus instrumentos. Marracuene, 1955.
Arquivo fotográfico da Missão Antropológica de Moçambique (1986-1956)

Nãngas, Nhabézi, Nyamussoros...



Artur Murimo Mafumo, *nãnga* da Matola. Marracuene, 1955.
Arquivo fotográfico da Missão Antropológica de Moçambique (1986-1956)

Nãngas, Nhabézis, Nyamussoros...

Nãnga é designação actual e corrente no Sul de Moçambique para Médico Tradicional, sendo que para o [período a que se reportam estes textos e materiais](#), o *Nãnga* era, no Sul, o curandeiro que deitava o *Tinhlo* e a quem muitas vezes se imputavam actos de feitiçaria. Esta designação varia em Moçambique consoante a região e o grupo étnico. Porém, a designação de *Nãnga, Nhabézi, Nyamussoro...*, reflectindo variantes linguísticas locais, refere-se sempre aos curandeiros que trabalham com os espíritos independentemente de terem também a capacidade de curar mediante o recurso a práticas fitoterapêuticas. A qualidade de *Nãnga* é, em princípio, hereditária, porém pode também resultar da imposição de um espírito a qualquer homem ou mulher que não tenha nenhum *Nãnga* na família; situação que ocorre normalmente após se ter sobrevivido a uma doença grave, durante a qual o doente se apercebe que foi escolhido pelos espíritos para aprender e exercer a arte de curar.

No pressuposto de que estar de boa saúde resulta do equilíbrio de se estar bem consigo próprio e com a comunidade de que se faz parte e onde se incluem os antepassados que garantem a sua protecção, a doença é encarada como resultado da alteração desse equilíbrio e o processo de cura como forma de restabelecimento físico, emocional e social do indivíduo. A doença é o resultado da não observância das normas pelo indivíduo, do desagrado dos antepassados ou, em última instância, do mau-olhado lançado por algum feiticeiro. Neste contexto, o *Nãnga* é não só o terapeuta que diagnostica o mal, pondera os meios para resolver o problema e prescreve o tratamento com vista à sua cura como o intermediário entre o doente e os antepassados que podem garantir protecção e a reposição do equilíbrio. Mediador entre o sagrado e o profano, a ele se recorre para afastar o mal e atrair as forças propiciadoras do bem. A sua capacidade de comunicação com os espíritos dos antepassados requer um espaço próprio de actuação, uma indumentária específica e um conjunto de instrumentos que viabilizam a mediação e o tornam indispensável no seio da comunidade.

